

## O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE *LONGE DAS ALDEIAS*, ROMANCE DE ROBERTSON FRIZERO

Julia Barbosa Dantas<sup>1</sup>

**Resumo:** Como falar sobre o processo criativo sem reduzir o infinito universo de possibilidades de criação à experiência de um artista? Como falar da escritura de um romance sem enclausurar o texto em um apanhado de interpretações limitadoras? Este ensaio que passeia pela resenha e pela entrevista tenta se aproximar da obra *Longe das aldeias* a passos lentos: buscando profundidade, mas respeitando a amplitude de toda obra de arte. Nesse percurso, aborda-se a origem do processo criativo, as técnicas narrativas adotadas e os desafios da criação de personagens. O resultado é o mergulho na subjetividade de um escritor, mas que nos permite vislumbrar traços comuns a toda criação artística, além de um testemunho das curvas e obstáculos no trajeto de escrita do livro *Longe das aldeias*.

**Palavras-chave:** Escrita Criativa; Narrativa longa; Criação de personagens; Longe das aldeias

## THE CREATIVE PROCESS IN *LONGE DAS ALDEIAS*, A NOVEL BY ROBERTSON FRIZERO

**Abstract:** How does one talk about creative process without reducing the infinite universe of possibilities of creation to the experience of a single artist? How does one talk about the writing of a novel without imprisoning the text inside a small set of limiting interpretations? This essay, which wanders through the review and interview models, tries to slowly get up close to the book *Longe das aldeias*: seeking for depth, but respecting the vastness of every work of art. In this trajectory, we approach the origins of the creative process, the narrative techniques used and the challenges of the characters invention. The result is a plunge in a writer's subjectivity, but one that allows us to take a glimpse at common traits for all artistic creation, as well as the testimony of the detours and obstacles from the path that lead to the book *Longe das aldeias*.

**Keywords:** Creative writing; Long narrative; Character invention; Longe das aldeias

---

<sup>1</sup> Escritora, jornalista, Mestre e Doutoranda em Escrita Criativa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Endereço Eletrônico: juliadantas@gmail.com

## A partida

Ontem minha mãe voltou ao navio. A mão dela agarrou o meu braço com força, a cabeça tonteou e foi difícil convencê-la de que não havia oceano, perigo ou bebê. Em seu desespero, vi Petar desfalecido e meu avô corroído pela culpa, as paredes perfuradas do hospital e tia Mirna sufocando inimigos moribundos. O berço de palha do estábulo, confortável como minha ignorância, jazia ao convés da bruma. Da balaustrada, aflita, minha mãe descontrolava as tempestades. (FRIZERO, 2015)

Assim começa *Longe das aldeias*. Já no primeiro parágrafo, estão presentes as características mais marcantes do livro: o texto enxuto, o espaço para descobertas do leitor e o ritmo. Sobre esses pontos e outros aspectos de seu processo criativo, entrevistei o autor pouco depois de lançada a obra. Este ensaio híbrido traz reflexões acerca do livro e trechos da nossa conversa. *Longe das aldeias* foi finalista do Prêmio Açorianos e do Prêmio São Paulo de Literatura, além de ter vencido o Prêmio AGEs de Livro do Ano em 2016.

O escritor Robertson Frizero é também tradutor, dramaturgo e professor. Mestre em Letras pela PUCRS, ele ministra oficinas literárias em Porto Alegre e integra o núcleo de dramaturgos Dran. Sua estreia na literatura foi com a obra infantil *Por que o Elvis não latiu?* (2010). Sua estreia na narrativa longa foi com o livro objeto de estudo deste texto, uma obra sensível e impactante que, em poucas páginas, narra a tragédia de uma guerra e a construção de uma nova vida.

## A literatura como descoberta

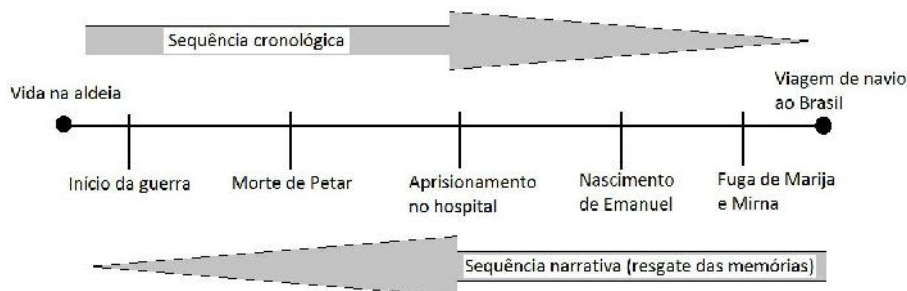
Minha primeira pergunta para Frizero foi sobre o parágrafo que abre o livro porque me impressionara a coragem de jogar o leitor no meio da história, sem preâmbulos nem contextualização e, ainda mais, dentro de um navio que, logo descobriremos, só existe nas memórias da mãe. “O livro tinha que levar o leitor a sentir a insegurança do Emanuel, ele tinha que descobrir as coisas junto com ele e isso talvez tenha sido a coisa mais difícil”, respondeu Frizero. O caminho encontrado para colocar o leitor no mesmo lugar do protagonista Emanuel foi por meio da estrutura.

*Longe das aldeias* é uma história de descobertas, esquecimento e identidade. Quando Marija e Mirna fogem de uma guerra (nunca especificada) para o Brasil, Marija está com o filho Emanuel no colo. O garoto cresce sem saber muito dos horrores que levaram a mãe e a tia a emigrarem. Enquanto a mãe sofre de uma doença que a faz perder a memória, a tia só menciona o passado quando é solicitada.

Tia Mirna conseguiu atravessar o oceano. Ela remozou, arrumou emprego honesto e namorado de outra religião. Em pouco tempo, conseguiu se comunicar com a gente daqui e fez amizades passageiras, aprendeu a dançar e a mentir. Minha mãe, não. (FRIZERO, 2015)

Até a adolescência, o menino tem no pai a imagem de um herói: Josif, o soldado de olhos azuis. Fotografias rasgadas e relatos fragmentados da mãe dão conta ainda do tio Petar, morto na juventude, de um avô rígido e de uma aldeia bucólica. Aproximando-se da idade adulta, Emanuel busca uma identidade e tenta desvendar nas falas desconexas da mãe sua verdadeira origem. Não tarda para que Emanuel (e junto com ele, o leitor) descubra que o mito de Josif não pode ser verdadeiro. A versão real virá pela confissão da tia que, após certificar-se de que o sobrinho está seguro de querer saber a história, conta como as duas mulheres foram vítimas dos estupros sistemáticos cometidos pelos soldados que invadiam sua pátria. Emanuel é fruto de um desses atos de violência. Josif é o único soldado que se recusou a violentar Marija e nos seus olhos ela viu o rastro de bondade que a manteria viva até o outro lado do oceano.

Para garantir que o percurso de dúvidas e descobertas seria o mesmo para o narrador e para o leitor, Frizero elaborou duas linhas do tempo. Uma se refere ao período da guerra, à vida das irmãs antes de emigrarem. A outra se refere ao tempo corrente da narrativa, as ações de Emanuel e seus desdobramentos. Enquanto esta se desenrola, o período de guerra é relembrado em ordem inversa à cronológica, começando na viagem de navio, voltando aos dias de fuga das irmãs e chegando, por fim, ao local de aprisionamento e sucessivos e estupros. O efeito é o de voltar no tempo, puxar o passado pela ponta mais próxima até se encontrar a ponta de origem



“Eu precisava que o livro tivesse essa coisa de memória fragmentada, pequenos pedaços de lembranças. Apesar de poder parecer meio caótico, esse caos precisa ser muito bem estruturado para não perder o sentido. Como o narrador vai descobrindo a história junto com o leitor, eu tinha que ter muito claro o que ele já sabia e o que não sabe ainda”, explicou Frizero. O leitor de *Longe das aldeias* não demora a encontrar a lógica que rege o livro. Na casa brasileira que abriga a família fugitiva, ainda passeiam as ovelhas da antiga vila e ainda sente-se a intranquilidade da viagem marítima. Quis saber como foi para Frizero criar esse mosaico de memórias.

PERGUNTA: Para criar o efeito de descobrimento, precisou reescrever muito?

FRIZERO: Nossa! Eu já fui muito prolixo. Foi um longo trabalho para aprender a sintetizar. Trabalhar com texto teatral me ajudou muito com isso. Hoje eu combato com meus alunos de oficina o uso de muitas explicações, como as expressões “pois, portanto, sendo assim, visto que”. Eu digo: esqueçam essas palavras! Na literatura, a gente não precisa disso, a gente tem que deixar lacunas para o leitor. Como leitor, a pior coisa é quando sinto que o escritor me conduz como uma criancinha, como se eu não tivesse conhecimento algum. Não precisa contar tudo, é bom deixar lacunas, o leitor vai se dar conta. Esse é o jogo da literatura. O leitor gosta de sentir que descobriu algum segredo teu.

As palavras de Frizero estão em consonância com as de María José Duel, que acredita no poder da literatura para desvendamentos.

A arte consiste sempre em um descobrimento, em uma revelação, e nunca em uma constatação. O que isso quer dizer, no que se refere à arte da escrita, é que a ficção gera ou deve gerar conhecimento em vez de reconhecimento. Para tanto, qualquer narração mostra uma maçã cheia de detalhes e deles, dos detalhes, surge uma proposição, uma revelação ou uma verdade particular, íntima ou sentimental. (DUEL, 2007)

Os detalhes presentes em *Longe das aldeias* revelam verdades das personagens. Para falar de Josif, Marija diz que havia “um menino em seus olhos”. Mirna e Emanuel não entendem exatamente o que isso significa, tampouco o leitor pode ter certeza do que Marija enxergou nos olhos de Josif, mas sabemos que nessa singularização reside uma verdade. Talvez Marija tenha visto algo de inocência no soldado, ou de pureza infantil. Talvez tenha projetado nele a criança que gerava no útero. É certo que Josif é único e, embora saibamos tão pouco dele, conhecemos parte de sua essência.

Perguntei a Frizero se a escrita também trouxe descobertas ao escritor. Ele contou que sim. Em uma das turmas da oficina que o autor ministra sobre criação literária, os alunos pediram para ler o texto, ainda em produção. “Eles me fizeram perceber o quanto da minha história pessoal tinha no livro e eu não tinha me dado conta disso, que os sentimentos do Emanuel eram os meus sentimentos”, lembrou.

P: Então quaisquer elementos autobiográficos da obra foram acidentais?

F: É, eu usei de maneira inconsciente. Mas não que eu quisesse falar sobre a minha história de vida, até porque acho que autobiografia não é uma boa coisa pra se misturar com a ficção. O que eu usei foi uma certa compreensão humana. Trazer o aprendizado de vida é ótimo, mas querer fazer ficção misturado com autobiografia não funciona bem, você não é um bom juiz de si mesmo.

A trajetória de descobertas de Emanuel é também a história de seus amadurecimentos. Aos dezoito anos, ele ainda é refém de um passado que não conheceu. Sua vida gira em torno da doença da mãe, sua casa é um território

incerto: sobre solo brasileiro, guarda as tradições de um país remoto. A colega Madalena é seu maior interesse, sua melhor amiga e objeto de desejo. Mas Emanuel é hesitante, sente diante da garota o mesmo medo que sente ao investigar seu passado. Assim como o leitor, a personagem pressente que ao ganhar a verdade, perderá a inocência.

Tia Mirna trabalhava no hospital e, para ela, cada dia era uma nova lição sobre a crueldade das pessoas, tormentos que se aprende a esquecer para continuar. ‘Marija não conhecia os homens e sua capacidade de ferir. Meu lindo, olha para mim, olha aqui nos meus olhos: tua mãe sempre te amou e te ama muito, não se esqueça nunca disso.’ Deixo que tia Mirna chore até desengasgar a história que eu já não sabia se queria ouvir. Mas meu pai estava naquele hospital, não havia mais como descer mentalmente aquelas escadas de horror e culpa e inventar uma infância feliz. (FRIZERO, 2015)

## Estética da economia

Embora a narrativa reconte diversos anos de histórias, *Longe das aldeias* é um livro enxuto. Nas noventa e seis páginas da obra, nada sobra, mas nada falta. O texto é preciso, conta exatamente o que o leitor precisa saber. As descrições são breves, as ações narradas são apenas as necessárias, os diálogos são concisos e vão direto ao ponto. Disse Frizero: “Trabalhei muito para que ele ficasse o mais enxuto possível e para não usar uma linguagem muito rebuscada. Nesse sentido não tem nada de inovador na linguagem”. Embora a linguagem seja simples – ninguém precisará de um dicionário para ler a obra – o autor é hábil no manejo das palavras e cria um texto complexo e lírico.

Aos poucos, tenho apaziguado meus fantasmas. Consegui tirar tio Petar da fumaça e vi seus olhos de contentamento ao voltar para o calor da aldeia de sempre. Amparei o senhor Mihajlo em seu leito de morte, saudei com honras militares o mestre do navio que me adotou por algumas semanas. Perdoei tia Mirna por me incluir em suas mentiras e entendi as razões de minha mãe para fazer delas sua única verdade.

(...)

Mas Josif atravessou conosco o oceano. Sua existência é um desses milagres que o deus do senhor Mihajlo sempre

foi pródigo em executar. Foi assim também meu nascimento. Josif e seu gesto de bondade tornaram possível minha existência neste mundo. De alguma forma, ele garantiu que todos nós tivéssemos vida plena nesta nova terra. Deus abençoe o menino em seus olhos azuis. (FRIZERO, 2015)

Frizero credita sua capacidade de concisão à experiência com a dramaturgia. “O teatro acaba sendo um ótimo exercício para a prosa porque ele tem um limitador muito grande, que é o palco”, o autor comenta. Se, na literatura em prosa, é fácil colocar a personagem dentro de um carro, à beira de um penhasco, no teatro há limitações de produção que exigem outras soluções. É possível escrever uma cena com duzentas mulheres em cena, mas, para a realidade teatral brasileira, talvez fosse conveniente reduzir isso para quatro mulheres, brincou Frizero. A partir dessa experiência dramatúrgica, ele aprendeu a se ater aos elementos essenciais.

Para ajudar a construir a atmosfera do livro, poemas do autor se entremeiam na narrativa. “Acho que [a poesia] envolve um lado lúdico diferente da prosa”, disse Frizero. Assim como a prosa, sua produção poética também é certa na escolha de palavras. Os versos são diretos, como aqui:

Se que distante, sou não mais que sombra  
a voejar por essa alma tua...  
Mas seja eu sombra leve que flutua  
e não o espectro morto que te assombra.  
(FRIZERO, 2015)

Os versos espalhados entre os capítulos evocam o passado e trazem à tona, de maneira etérea, o pouco que resta das memórias da mãe. O escritor italiano Antonio Tabucchi, como espécie de preâmbulo ao livro *Réquiem, uma alucinação*, investiga os mistérios dos sonhos, da voz e da poesia no que se aproximam dos mortos e nos afastam do plano físico.

A voz da poesia tem o poder de estabelecer um diálogo com os fantasmas e, uma vez evocado e convocado o fantasma pelo seu médium, uma e outros podem perfeitamente abstrair de todos aqueles elementos sensoriais de que se falou a propósito do encontro: abstraem da voz, do tato, da vista, do olfato e do gosto.

Porque, logo que teve lugar a convocação, o que conta é *a pura presença do fantasma*. (TABUCCHI, 2015)

*A pura presença do fantasma* é tudo que Emanuel tem do pai, tanto daquele pai inventado em uma tática de sobrevivência, quanto do pai biológico, algum dos muitos algozes da mãe. Nunca houve para o pai biológico uma voz, nem tato, nem visão, sentido algum. Ainda assim, seu fantasma, originado de algum corpo inespecífico, é a presença transformadora na vida de Emanuel.

A essencialidade de Frizero não se restringe ao uso da linguagem. Também no conteúdo, ele busca focar no que é fundamental e descarta as possíveis distrações. A guerra da qual fogem as duas irmãs nunca é nomeada; a doença que afeta a memória da mãe tampouco é especificada; a cidade brasileira na qual a família recomeça a vida poderia ser qualquer centro urbano.

A economia “não só textual, mas também de recursos, acaba ajudando para manter o foco no que é importante e necessário. Acho que quem lê o romance sai da leitura com isso muito forte”, comentou Frizero. Questionei o autor sobre essa decisão:

P: Por que o país de origem da família e a guerra que o assola nunca são nomeados?

F: De certa forma, fiquei com medo de que se eu mencionasse a guerra da Bósnia e citasse nomes de cidades etc., isso fosse particularizar muito um problema que é universal, a crueldade da guerra. Depois que o livro foi lançado, já coletei umas quatro ou cinco notícias de denúncias de estupro como arma de guerra. São questões que não morreram, e se eu particularizar essa guerra posso acabar distraíndo o leitor da questão humana: por que se faz isso e até quando se fará isso?

P: Considerou o mesmo para a doença da mãe? Aliás, a doença parece alzheimer, foi esse o teu referencial?

F: Sim. E, da mesma maneira, se eu partisse para detalhar muito que a demência da personagem é alzheimer, talvez virasse um livro sobre o alzheimer e não era essa a intenção. A intenção era mostrar um filho que quer descobrir uma verdade que está escapando dos dedos dele. As memórias estão



fugindo e já não eram muito boas. A mãe cristalizou algumas memórias, histórias que parecem consolidadas não são exatamente assim.

Mesmo excluídas as referências nominais, Frizero deixa pistas para o leitor mais curioso. Os nomes das personagens femininas são típicos da Bósnia. Em uma das cenas no hospital, durante a guerra, os pacientes enfrentam a falta de anestesia tomando uma bebida local: a rakija. Uma rápida pesquisa no Google já desvenda o cenário da narrativa.

Já a cidade brasileira foi “desbatizada” durante o processo de edição do livro. Quando, na editora, li o original pela primeira vez, ainda era possível identificar Porto Alegre no pano de fundo. Como o objetivo era abordar a migração para uma cultura diferente, o autor optou por cortar as indicações mais específicas. “Eles podiam ter migrado para qualquer lugar do Brasil. Essa não é a questão. A questão é que é outro país, outra cultura. Isso era importante manter no livro”, explica Frizero.

Para a composição de *Marija*, o autor contou com a ajuda de um amigo da área da medicina, além de ter conversado com cuidadores. “Não quis dizer claramente o que era, mas não quis falsear”, conta Frizero. Assim, os sintomas que atormentam a mãe de Emanuel podem ocorrer na vida real a pessoas que sofreram fortes traumas. Mas o foco da narrativa é que isso se configure principalmente como mais um obstáculo à busca do filho pela verdade.

## **A sonoridade das palavras**

A leitura de *Longe das aldeias* é fluida. Pergunto a Frizero se ele pensou no ritmo das frases enquanto escrevia, ou se a sonoridade do texto seria uma “contaminação inconsciente” por seu trabalho em poesia. “Gosto muito de ler o texto em voz alta para ver como as coisas estão se encaminhando. Gosto de pensar num ritmo de leitura, uma cadência. Isso veio até do Assis. Ele faz isso, lê em voz alta. Peguei um pouco esse costume e acho que ajuda bastante”, ele explicou citando o escritor Luiz Antonio de Assis Brasil.

Tia Mirna não vê razão para eu me preocupar, mas hoje de manhã minha mãe esqueceu meu nome. Chamou-me de Petar e disse que meu avô iria me dar uma surra se eu não recolhesse as ovelhas de uma vez por todas. Tia Mirna sorriu, saudosa, e girou a mão insistente – um código nosso para eu continuar dentro das recordações de mamãe.

Eu disse então para Marija que as ovelhas já dormiam no estábulo. Ela chamou-me de mentiroso, estou a ver daqui as ovelhas, gritou com olhos de ira ao bater-me bem forte no rosto. Senti ódio da teimosia de meu tio Petar em não fazer as coisas de imediato quando lhe davam uma ordem. (FRIZERO, 2015)

A facilidade de leitura poderia ser comprovada com a escolha de qualquer parágrafo da obra. Percebemos que há, às vezes, o uso mais formal da língua como na escolha por “chamou-me” em vez do informal “me chamou”. Em outros momentos, há um tom mais informal, como no uso da palavra “surra” ou mesmo na construção “iria me dar uma surra”, que poderia ter sido “me daria uma surra” ou o já quase obsoleto “dar-me-ia”. Mas essa mistura que, nas mãos de um escritor menos habilidoso poderia passar por artificial, aqui soa natural, soa “literária”.

## O trajeto da criação

Embora não tenha a disciplina para escrever diariamente ou para fixar horários de produção, Frizero participa de um grupo de dramaturgos que se encontra todas as quintas-feiras. Para esses momentos, ele tenta sempre ter algo novo a apresentar. Muitos desses textos não são aproveitados para o teatro e acabam sendo reaproveitados para a prosa. Assim, mesmo sem uma agenda para a produção, a escrita é constante na vida do autor, que há pouco adquiriu o hábito de andar sempre com blocos de anotações para registrar as ideias que surgem no dia a dia. Sobre o processo de criação de *Longe das aldeias*, perguntei:

P: Como você pensou a ideia para o *Longe das Aldeias*?

F: A ideia do livro surgiu quando li uma notícia de jornal sobre a guerra da Bósnia. Era uma notícia que falava do estupro como uma arma de guerra, de 1990. Então faz vinte e cinco anos que estou escrevendo essa

história. A notícia me chocou muito. Claro que eu imaginava que houvesse estupros na guerra, mas não com uso sistemático e com a determinação de fazer uma limpeza étnica. Desde aquele recorte de jornal, a história passou por vários formatos. Pensei em contar uma história de amor entre uma mulher e um soldado que se recusa a estuprá-la e o livro seria sobre a fuga deles do país. Mas aquilo me pareceu muito clichê, bobo. Lá pelas tantas, cheguei à conclusão de que a história era da criança que nasce de uma situação dessas. Como se constrói uma vida a partir da notícia de que você nasceu de um ato de violência, como se constrói uma identidade a partir de um pai violador? Isso começou a me perturbar bastante e entendi que era uma história de reconstrução de um passado e pensei no complicador que seria fazer desse passado algo que as personagens querem esconder. Descobri que o tema do livro eram essas mentiras caridosas.

P: Você diria que escreve para você mesmo, para a crítica, para o leitor?

F: Já escrevi muito pra mim mesmo porque deixava as coisas na gaveta. Mas acho que você acaba escrevendo para um leitor que é muito parecido com você. Eu escrevo para um leitor muito parecido comigo, que vai ler as referências a Marija, ao berço de palha e vai entender.

P: Como foi o dia a dia do processo? Como é a produção de um dia de trabalho?

F: Eu não gosto de deixar o texto em aberto. Se eu estou escrevendo um capítulo, gosto de dar um fecho. O capítulo, por sua vez, não pode ser muito arbitrário, tem que ter uma unidade de pensamento. *O Longe das aldeias* tem capítulos de quatro páginas e outros com meia. Mas eles têm uma unidade lógica, e é por unidades lógicas que eu tento escrever. Às vezes escrevo até duas ou três de uma vez, mas não as deixo pela metade.

P: Havia um planejamento para as trajetórias das personagens?

F: Eu tinha um fichamento inicial de personagens, mas de tanto pensar neles, eles acabam se internalizando, então isso foi o ponto de partida e depois abandonei. Me ajudou bastante também o fato de que me apropriei da mitologia cristã para embasar essa história. Apesar de que isso também não era o foco, eu quis dar mais uma leitura para o leitor que pescar essa isca. Não é nada muito aprofundado, porque não queria tornar hermético. É fácil

perceber que Marija é Maria, Josif é José. Mirna em bósnio é Marta. Apenas busquei nomes bósnios para mal disfarçar essa questão.

J: Isso influenciou na criação das personagens?

R: De certa forma, me apropriar dessa mitologia me ajudou a configurar um pouco como eles funcionavam, como era a cabeça deles. Em uma das passagens do evangelho, Marta aparece como a irmã que fica em casa cuidando das coisas pragmáticas da vida. Assim é a Mirna, no livro. Ela é enfermeira formada, mas quando chega aqui começa a fazer faxina, aprende a língua e faz amigos. É a pessoa que diante da dificuldade parte para a coisa prática.

Apesar dessas referências, *Longe das aldeias* não tenta ser uma releitura das histórias bíblicas. O livro se insere muito mais no que Beatriz Resende chamou de “retorno do trágico”. Para ela, não apenas a literatura, mas também a mídia, a imprensa e o vocabulário corriqueiro do cotidiano estão trazendo a tragédia ao presente (2008). A obra de Frizerio, mesmo sem nomear a guerra da Bósnia, atualiza as narrativas de guerra ao mesmo tempo em que respeita sua atemporalidade.

Frizerio considera libertador saber que não existe nenhum enredo absolutamente inovador. Assim como *Longe das aldeias* não é primeiro livro sobre guerra, as guerras tampouco são originais em suas táticas e em seus resultados trágicos. Novamente Resende: “O trágico estabelece um efeito peculiar com o indivíduo, supera-o e traça uma relação direta com o destino”. Emanuel nasce marcado pela violência. Sua origem é parte necessária de sua identidade, não haverá para ele uma infância comum, uma família feliz, um pai. Sua tragédia particular ecoa a tragédia de seu país e, ainda, a tragédia humana.

O destino de Emanuel, se pensarmos nele como indivíduo, estava traçado desde seu nascimento na guerra. O destino da personagem Emanuel estava traçado desde sua criação:

P: Alguns escritores contam que em algum momento do trabalho, os personagens ganham vida e vontades próprias. Isso acontece com você?

F: Não. Eu venho de família espírita, mas não gosto dessa ideia de que o personagem cria vida, acho que não é bem assim. Quando escrevi o *Longe das aldeias*, eu sabia exatamente para onde o livro ia, o que eu queria com ele. Os personagens têm que me ajudar a chegar no final, me ajudar a dar o efeito de impacto. Então se em algum momento a Mirna começasse a se revoltar contra mim, eu ia colocar ela nos eixos, não tem isso. Ela tem uma função específica na trama. O autor tem que ter controle sobre os personagens.

Escolhi essa resposta para encerrar este breve híbrido de ensaio/resenha/elogio/entrevista porque, de toda a nossa conversa, essa é a afirmação de Frizero que eu mais aprecio pela contradição que ela contém de maneira tão sincera. Aqui está um autor que nega com veemência que as personagens sejam capazes de criar vida e, ao mesmo tempo, admite a possibilidade de que elas se rebelem contra ele. É possível que estejamos diante da sina de todo escritor. No seu melhor empenho, ele constrói personagens dotadas de “verdade íntima”, complexas, “vivas” para o leitor. Depois torce para que elas não criem vida demais, para que se comportem dentro de suas funções, para que não fujam de seu final. Talvez aí esteja a pequena tragédia das boas personagens: suas motivações são grandes, mas seus destinos são inescapáveis.

## Referências

DUEL, Maria José. La manzana anónima de Newton y lo que de verdad expresan las historias. In: CAÑELLES, Ramon (Org.). *Escritura Creativa: Cuaderno de Ideas*. Madrid: Fuentetaja, 2007. p. 83-101.

FRIZERO, Robertson. *Longe das aldeias*. Porto Alegre: Terceiro Selo, 2015.

HUYSEN, Andres. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: HUYSEN, Andres. *Seduzidos pelas memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Trad. Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000. p. 9-40.

MCEWAN, Ian. *Paris Review: Ian McEwan, The Art of Fiction*, n. 173. 2002. Entrevista concedida a Adam Begley. Disponível em: <<http://www.theparisreview.org/interviews/393/the-art-of-fiction-no-173-ian-mcewan>>. Acesso em: 22 mai. 2015.

MARÍAS, Javier. Paris Review: Javier Marias, *The Art of Fiction*, n. 190. 2006. Entrevista concedida a Sarah Fay. Disponível em: <<http://www.theparisreview.org/interviews/5680/the-art-of-fiction-no-190-javier-marias>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

NIETO, Ramón. A inspiração. In: NIETO, Ramón. *O ofício de escrever*. São Paulo: Editora Angra, 2001. p. 67-109.

RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira na era da multiplicidade. In: RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008. p. 14-40.

TABUCCHI, Antonio. *Réquiem, uma alucinação*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Recebido em 24 de abril de 2017.

Aceito em 25 de maio de 2017.